

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.006



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CRISTÃO DIANTE DO ABORTO E DO PRAGMATISMO SECULAR

The christian facing abortion and secular pragmatism

Wanderley Lima Moreira¹

RESUMO

Este artigo trouxe uma discussão sobre uma questão moral e religiosa, a saber: o aborto. A investigação principal foi feita no campo da ética cristã, que embora seja considerado simplista do ponto de vista metafísico, sua aplicação gera acalorados embates dentro e fora da Igreja. O principal ponto de vista levantado nesta pesquisa foi o tema do aborto como uma realidade familiar praticada e defendida inclusive por cristãos nominais. Este artigo traz uma reflexão sobre tema aborto a partir da cosmovisão cristã.

Palavras-chave: Aborto. Pragmatismo. Vida humana.

ABSTRACT

This article brought a discussion about a moral and religious issue: abortion. The main investigation was developed in the field of Christian ethics, which although is considered simplistic from a metaphysical point of view, has applications that causes heated clashes inside and outside the church. The main point of view raised in this research was the subject of abortion as a familiar reality practiced and defended even by nominal Christians. This article brings a reflection on the issue of abortion from a Christian worldview.

Keywords: Abortion. Pragmatism. Human life.

¹ Bacharel em Teologia e Administração de Empresas. Pós-graduado em Controladoria e Finanças (Lato Sensu); Pós-graduado em Hebraico Bíblico (Lato Sensu). Possui mestrado em Teologia (Stricto Sensu) e licenciando em Filosofia. E-mail: wanderleylima@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O homem é considerado a mais perfeita obra da criação de Deus por ser criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-28). Por conseguinte, este ser, criado por Deus – afirmação basilar deste artigo – destaca-se como a coroa da criação (1 Co 11.7-12), pois, como afirmou Paulo: “tudo vem de Deus”.² No decorrer desta pesquisa, analisar-se-á algumas formas de refletir sobre o tema do aborto, principalmente a partir da filosofia estética e da teologia bíblica, sem deixar de verificar os olhares de outras áreas das ciências acerca de como a vida humana deve ser importante para o discípulo de Cristo. A vida humana, em sua essência vem de Deus, sua concepção e valor diante de Deus é um dos pressupostos que precisa ser levado em conta diante de um tema tão complexo como o aborto. Esse tema precisa despertar um sentimento que leve cada cristão para além da mera curiosidade, ou seja, para a maturidade cristã.

1. REFLEXÃO SOBRE A NATUREZA E VALOR DA VIDA HUMANA

Com base numa razoável clareza do conceito bíblico acerca da natureza humana de que o “ser humano é um ser portador da imagem de Deus, criado à sua imagem e originalmente justo e santo” e de que “toda pessoa é a imagem de toda a toda a divindade”³ é possível contrapor a defesa do aborto. O ser humano “se tornou um ser vivente”, alma vivente. A ideia platônica de alma ($\psi\upsilon\chi\acute{\eta}$ = *psykhé*), entendida por uma realidade imaterial, eterna e divina⁴ corrobora com a defesa de que a essência do ser humano – padrão recorrente na teologia do Novo Testamento está em Deus.

Por isso, no que diz respeito à natureza humana, existe um debate ao longo da história recente do cristianismo acerca da vida humana, de forma que as definições teológicas e filosóficas acerca da natureza humana são inúmeras, convergindo todas para uma única questão: qual é o sentido da vida? A resposta a esta pergunta pode tomar muitos rumos; porém, partindo de uma cosmovisão cristã que eleva a vida humana aos critérios bíblicos da divina providência, faz-se necessário lembrar do que o evangelista Lucas escreveu acerca da valorização da vida:

Por isso, não levando em conta os tempos da ignorância, Deus agora notifica aos homens que todos e em toda parte se arrependam, porque ele fixou um dia no qual julgará o mundo com justiça, por meio do homem a quem designou, dando-lhe crédito diante de todos, ao ressuscitá-lo dentre os mortos.⁵

A doutrina do arrependimento junto com a doutrina da ressurreição mostra-se como a ação graça de Deus para salvar o homem integral – corpo e alma. De maneira que se pode

² **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 2006.

³ BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, vol. 2, p. 539.

⁴ Platão não entende o aspecto divino da alma como o pressuposto religioso ou mesmo com rigor cristão.

⁵ **BÍBLIA DE JERUSALÉM**, 2013, p. 1935.

refletir acerca da importância da vida biológica desde o ventre da mulher, como defendeu o salmista:

Eu te louvarei, pois eu assombrosamente e maravilhosamente fui; maravilhosas são as tuas obras, e isso a minha alma certamente conhece bem. Minha matéria não foi escondida de ti, quando fui feito em secreto, e curiosamente forjado nas partes mais baixas da terra. Os teus olhos viram a minha matéria ainda imperfeita; e no teu livro todos os meus membros foram escritos, os quais eram continuamente formados, quando nem ainda havia nenhum deles. Quão preciosos são os teus pensamentos para comigo, ó Deus! Quão grande é a soma deles!⁶

O ser humano, afirma a Bíblia, foi criado à imagem e semelhança de Deus como fruto de uma decisão de Deus, encerrando o primeiro ciclo da obra criadora de Deus: Ele olhou para o resultado e ficou alegre (Gn 1.31). Pensada do ponto de vista metafísico, a vida humana é um tema pressuposto na ideia de que somente Deus é quem pode gerar vida e dar fim nela, questão esta, que é basilar para a teologia cristã, pois a partir dela o ser humano é definido essencialmente como imagem de Deus.

Pensando assim, o aborto é uma ofensa contra Deus, uma desonra a sua obra e à sua imagem. Por isso, Piper declara que matar um bebê no ventre da mãe é um aviltamento a Deus, “ele explica que a maldade suprema do aborto não que crianças sejam mortas ou que ele prejudique as mulheres, a maldade suprema, diz ele é que o aborto ataca e avilta a Deus”.⁷ Porém, o pensamento social, liderado hoje pelo movimento feminista, reduz a família a interações pragmáticas em detrimento da cosmovisão cristã. Este tipo de pensamento é nocivo não apenas à igreja cristã, mas à sociedade em que está inserida, como observou Herman Dooyeweerd em sua obra *Raízes da cultura Ocidental*:

A ciência natural sempre tentou dissolver os fenômenos os elementos mais simples, explicando esses elementos por meio de leis gerais. Quando esse procedimento foi aplicado aos relacionamentos sociais, entidades coletivas tais como o Estado, a igreja e a família foram reduzidas meras interações entre as “pessoas, os elementos mais simples da sociedade”. Conseqüentemente, as “pessoas” foram separadas de todas as suas características genuinamente individuais, irredutíveis, como exemplos do gênero “seres humanos livres e racionais”.⁸

A teologia bíblica, tanto o Antigo como o Novo Testamento – que diferente do cientificismo – apresenta o homem como criação divina e defende a vida intrauterina. Não é possível, em qualquer hermenêutica bíblica séria, conciliar o “não matarás” de Êxodo 20.13 com a liberdade de colocar fim na vida de uma criança, uma vez que seria como arrancar o direito de existir em corpo e alma.

A imagem divina no ser humano é expressa também no anseio pela eternidade, como diz o livro de Eclesiastes, ensinando na teologia veterotestamentária que Elohim “também pôs

⁶ BIBLIA KING JAMES, 2018, p. 991.

⁷ TAYLOR, Justin. **Uma homenagem a John Piper**. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 408.

⁸ DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da cultura ocidental**: as opções pagã, secular e cristã. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 215.

no coração do homem o anseio pela eternidade” (Ec 3.11)⁹ e ampliando o conceito de vida eterna no Novo Testamento na doutrina da ressurreição. A vida humana possui valor inquestionável por ser imagem de Deus e ter anseio por uma vida eterna, que nunca findará – que não significa que o ser humano tem a imagem de Deus – como observa Bavinck:

[...] devemos salientar que, em harmonia com a Escritura e confissão reformada, a ideia de que um ser humano não porta ou tem a imagem de Deus, mas é a imagem de Deus. O ser humano é filho, semelhança ou geração de Deus (Gn 1.26; 9.6; Lc 3.38; At 17.28; 1 Co 11.7; Tg 3.9).¹⁰

Decidir sobre a vida de uma criança – mesmo nas primeiras semanas de uma gestação – é se opor à Escritura e à vontade de Deus. A teologia cristã tem sofrido uma oposição acerca da interpretação de textos bíblicos pró-vida, tendo como sua maior opositora o desconstrucionismo textual e a nova moda hermenêutica de que o leitor tem primazia em detrimento do autor, como avisou Vanhoozer acerca das interpretações bíblicas como “ações afirmativas e comunicativas para um novo significado proposicional do leitor”.¹¹ Por isso o direito à vida não pode ser desconstruído, por ser um direito inalienável, como defende Piper ao comentar Êxodo 20.13:

[...] no coração das pessoas de hoje, existe uma profunda pressuposição de que temos direito à vida em relação a Deus. Ou seja, ele não tem o direito de tirar nossa vida. E, se ele realmente existe, está obrigado a fazer o possível para preservar nossa vida. Nossa vida, como a maioria das pessoas imagina, é nossa. Não pertence a ninguém mais. E ninguém, nem mesmo Deus, tem o direito de tirar minha vida quando eu não escolho isso. Devo ser soberano sobre minha vida. E, se alguém tirar minha vida, incluindo Deus, terá agido errado em relação a mim. Essa é, penso, a forma frequentemente não confessada de nossa opinião sobre o direito "inalienável" à vida. Mas essa não é a opinião de Deus. Não é a opinião da Bíblia. Certamente, há um direito humano à vida em relação aos outros humanos. Nenhum humano tem o direito de tirar minha vida. Mas esse direito à vida, que cada um de nós tem, não é um mero efeito de superioridade genética em relação aos animais. É um direito que resulta do mandamento de Deus e está alicerçado em nossa relação com Deus como seres criados à Sua imagem.¹²

De acordo com Zilles, “o homem não se contenta com o viver, pois quer o viver bem”, por isso abortar para viver bem é justificável no contexto secular, como disse Gasset: “o homem é um animal para o qual somente o supérfluo é necessário”.¹³ Corroborando para uma defesa acerca do valor da vida, Stott destaca a diferença singular entre os animais e os seres humanos, com destaque para a dignidade:

O que necessitamos, pois, não é nem o otimismo fácil dos humanistas, nem o obscuro pessimismo dos cínicos, mas o realismo radical da Bíblia. Nossa

⁹ BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. São Paulo: Vida, 2000, p. 527.

¹⁰ BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, Vol. 2, p. 564.

¹¹ VANHOOZER, Kevin. **Há significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. Tradução de Alvaro Hattner. São Paulo: Vida, 2010, p. 262-268.

¹² PIPER, John. **Providência**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2020, p. 413.

¹³ ZILLES, Urbano. **O Deus dos filósofos**. São Paulo: Paulus, 2023, p. 147.

dignidade humana, o valor intrínseco dos seres humanos afirmado desde o primeiro capítulo da Bíblia [...] Há muito tempo persiste o debate acerca do significado da “imagem” ou “semelhança” divina nos seres humanos, e onde jaz sua superioridade.¹⁴

Modificando a abordagem bíblica, novas teorias que emergem da chamada teologia feminista discutem acerca do tema e tentam responder pragmaticamente acerca da natureza humana com o argumento sociológico do “alegado caráter livre de valores”.¹⁵ Logo, a vida humana é definida pela distinção entre vontade revelada e vontade soberana de Deus. Matar o feto é uma afronta a Deus e desobediência ao seu mandamento e “a maneira mais simples de ver esta distinção é pela vontade revelada de Deus “Não matarás” (Êx 20.13).¹⁶ A maior parte das abordagens acerca da vida humana – seja no campo da psicanálise, da psicologia e das novas sociologias – não se preocupa em refletir acerca da vida após a morte, mas acerca do aqui e agora.

2. O PRAGMATISMO CONTRA A VIDA

Pensar sobre o valor da vida humana do feto é mais um dos desafios cristãos numa sociedade abraçada pelo pragmatismo. Este artigo é pressuposto pelo conceito de pragmatismo de Charles Pierce – que foi a origem de muitas formas do pensamento pragmático. De acordo com Pierce, o imediatismo coloca cada indivíduo numa “tal condição que nos comportaremos de uma certa maneira, quando a ocasião surgir”.¹⁷

A sociedade atual parece se comportar numa condição do imediato, para ‘resolver’ problemas surgidos, ultrapassando os limites da ética. Dessa forma, o feto tem sua vida investigada pelos defensores do aborto à revelia, da mesma maneira como se diseca um animal – ainda que racional e diferente de um cão, por exemplo – desprezando a antropologia cristã e diminuindo o valor essencial da vida humana; de forma que o cristão atual precisa se apoiar na teologia cristã, que utilizando dos textos inspirados das Escrituras defende uma antropologia que abraça a vida humana, também chamada de doutrina do homem, o ser finito que se relaciona com o infinito, numa autotranscendência da vida, que a ciência não pode usar do seu empirismo para explicar, como pode ser observado na teologia de Paul Tillich:

A questão de como se manifesta a autotranscendência da vida não pode ser respondida em termos empíricos, como no caso da autointegração e autocriatividade. Podemos falar dela apenas em termos que descrevam o reflexo da autotranscendência interior das coisas na consciência do ser humano. O ser humano é o espelho em que se torna consciente a relação de tudo o que é finito com o infinito. Nenhuma observação empírica desta

¹⁴ STOTT, John. **Ouçã o Espírito, ouçã o mundo**: como ser um cristão contemporâneo. 2.ed. Tradução de Silêda Silva Steuernagel. São Paulo: ABU, 2005, p. 37.

¹⁵ DOOYEWEERD, 2015, p. 229.

¹⁶ PIPER, 2020, p. 532.

¹⁷ PIERCE, Charles S. **The essential Pierce**. Bloomington: Indiana University, 1998, vol. 1, p. 114.

relação é possível, porque todo conhecimento empírico se refere às interdependências finitas, não à relação do finito com o infinito.¹⁸

O pragmatismo de Pierce, ampliado de certa forma por William James e Richard Rorty é, também, a tentativa de propor soluções humanas a problemas metafísicos de forma prática. É a tentativa de solucionar problemas morais como se fossem problemas práticos, já que em seu método científico, que “Pierce chama de fixar a crença de método a priori [...] “as opiniões que hoje parecem mais inabaláveis, amanhã acham-se fora de moda”.¹⁹ Significando que o rigor bíblico em defender a vida do feto é ofuscado por pressupostos pragmáticos.

A antropologia cristã responde – de tantas outras – a seguinte questão: qual é a constituição da vida? Essa indagação antropológica é o ponto de partida para o surgimento de algumas escolas de pensamento dentro do cristianismo, dentre elas, o dicotomismo ou antropologia dualista. E ainda que pareça estranho tratar este assunto aqui, a ideia de que o ser humano é formado por corpo e alma – tema discutido desde Plotino – ajuda a refletir acerca do aborto como prática casual e pragmática.

Se a alma é o princípio da vida, que a tudo movimenta como defendeu Plotino é possível pensar que o princípio universal que explica este dualismo e pressupõe que a vida não pode ser tirada do feto e tratada valor moral ultrapassado e fora de moda, pois esta ambiguidade, como observa Paul Tillich:

O princípio da alma, universal e individualmente, é o princípio da ambiguidade. Plotino sabia que a vida era ambígua, e que a ambiguidade era uma característica definida da vida. A alma volta-se tanto para o espírito (nous) como para a matéria. Dir-se-ia que olha para dois lados; busca sempre conteúdos significativos. Nós chamamos a isso em nossa linguagem, de vida espiritual dos seres humanos, expressa em conhecimento, ética, estética, etc. Ao mesmo tempo se volta para a nossa existência física e para o mundo das coisas materiais.²⁰

A “vida espiritual” apontada por Tillich é quase uma chave hermenêutica para valorização da vida humana do feto. Se o ser humano não é um objeto e se ele é constituído de duas partes ambíguas: corpo (*sôma*) e alma (*psique*), então esta descrição espiritual e sua experiência com o Deus, a partir da alma ou espírito evidência de o ser humano tem seu pressuposto essencial em Deus, o seu criador. Logo, textos bíblicos em os seres humanos redimidos e perdoados são comparados a uma casa na qual o próprio Deus reside e que os crentes na medida existem são “coedificados para serdes habitação de Deus, no Espírito”²¹ (Ef 2.22) e outros textos em que a doutrina paulina da união com Cristo é aventada no Novo Testamento (Ef 1.4-13; Rm 8.1; Gl 3.26) reforçam o entendimento e a defesa em favor da dignidade da vida humana.

A defesa da tese de que o ser humano é a imagem de Deus é justificada pela impossibilidade de a ciência explicar toda complexidade humana e controlar o destino da vida,

¹⁸ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5.ed. Tradução de Getúlio Baertelli e Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 545.

¹⁹ DE WALL, Cornelis. **Sobre pragmatismo**. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007, p. 34.

²⁰ TILICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 4.ed. Tradução de Jaci Marashin. São Paulo: ASTE, 2007, p. 70.

²¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 2042.

pois a vida humana está no controle do Deus providente. E se na filosofia platônica o ser humano é uma ideia e não possui um pai que o criou e o mantém providentemente, uma vez “mataram Deus” – principalmente no pensamento de Nietzsche – no cristianismo, por outro lado, a condição humana é elevada a um relacionamento metafísico com seu Criador e sem os controles do empirismo. Logo, os que justificam a morte de um ser humano bebê, não apenas ataca a Deus, mas necessariamente se comporta como um ateu, já que matando Deus se justifica matar o ser humano, como observa Rousas Rushdoony:

A morte do Deus das Escrituras, exige a morte do homem criado à sua imagem; por conseguinte a sociedade da morte de Deus busca destruir o homem histórico, o homem real do tempo, a fim de criar um novo ser humano com base em sua ideia e propósito. Na filosofia e sociologia, o homem como ideia é uma abstração inumana; ele é um monstro que não existe nem pode existir [...] A ideia religiosa de homem é de um ser incorpóreo que se esforça para desfazer-se de sua carne, negar seus apetites e colocar-se acima das exigências ordinárias do corpo. Essa abstração tem horror ao mundo material, como se este fosse um tipo de tentação fatal que busca corromper sua alma. Mas nenhum ser humano se vê mais assediado pela concupiscência do que aquele que tenta negar sua condição humana.²²

De acordo com Rushdoony, a essência humana não é pressuposta numa consciência humana que tem autonomia para existir como defende o existencialismo francês “de que no homem, a existência precede a essência”,²³ mas o contrário. O ser humano integral, porém, didática e sistematicamente dividido em dois compartimentos, ora se rende às concupiscências do corpo, ora se rende a Deus numa tensão corpo-espírito; resultado de uma experiência de fé através de sua vida espiritual, uma relação do divino com a alma humana.

Na história da humanidade é considerado ético aquele que preserva a vida, mas, para os pragmáticos que defendem o aborto, a conduta humana é admirável, pois a ética é pressuposta no imediatismo e na admiração, como pode ser vista no discurso de Peirce em Harvard, comentado por Cornelis De Wall:

A ética, Peirce continuava, pressupõe uma distinção entre o que é admirável e o que não é. Isso pressupõe, por sua vez, que tenham determinado o que estamos preparados para admirar e o que não estamos. Isso levou Peirce a uma ciência ainda mais geral, a saber, a estética, que estuda o que é admirável em si mesmo sem qualquer referência a qualquer outra coisa. Em suma, a ética depende da estética, com a ética sendo uma subcategoria particularizada da estética, a saber, aquela que se confina unicamente ao que é admirável na conduta humana.²⁴

Mas, na cosmovisão cristã, este entendimento acerca da ética deve ser rejeitado, pois além de ser pressuposto na filosofia estética em detrimento da própria filosofia ética, não leva em consideração as verdades cristãs e a aceitação da tese *imago Dei* que é o argumento

²² RUSHDOONY, Rousas J. **Rejeição à humanidade**: os efeitos do neoplatonismo no cristianismo. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2019, p. 47.

²³ SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 2.ed. Tradução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, 1986, p. 65.

²⁴ DE WALL, 2007, p. 137.

central para defesa da vida, desde a concepção até a morte. O aspecto antropológico imagético da teologia cristã – usando um termo da educação atual – é que justifica essa defesa em termos morais e espirituais. É impossível ao cristão uma negação de sua própria origem, pois enquanto raça humana lhe foi revelado que no livro das origens (Gn 1.26,27) que “a alma humana, todas as faculdades humanas, as virtudes de conhecimento, justiça e santidade e até mesmo o corpo humano são a imagem de Deus.”²⁵ Alma aqui é sinônimo de espírito, ou seja, uma única porção imaterial e imortal no ser humano, separado do corpo físico, cuja personalidade pode permanecer inalterada após a morte, como observa Erickson acerca da ressurreição do corpo:

Os conservadores não levaram a concepção dualista tão longe assim. Embora creiam que a alma seja capaz de sobreviver à morte em um estado incorpóreo, eles também aguardam a ressurreição futura. Não se trata da ressurreição do corpo em oposição à sobrevivência da alma. Antes, os dois aspectos são estágios distintos no futuro do ser humano.²⁶

Evidentemente, alma e espírito são imateriais e imortais, não se opondo ao corpo, mas o contrário é verdade no discurso cristão protestante que a alma seja considerada imortal e sobrevivente à morte do corpo. Mas, para o pragmatismo feminista, decidir sobre o feto é menos importante do que defender a honra de mulher, e já que “para alguns, o pragmatismo é também uma teoria da verdade”,²⁷ matam-se crianças nas clínicas – autorizadas ou não – como se mata frango nos frigoríficos. Ora, se a alma humana é imortal, a certeza de uma natureza imortal é o básico para defesa da vida biológica de um feto. Se apenas o Criador pode ter o pleno controle de natalidade – em termos de gestação – deduz-se que, a alma sustenta o corpo, no sentido cartesiano do termo, como observou Descartes em sua obra *As paixões da alma*: “todos os movimentos de nossos corpos dependem da alma”.²⁸ Logo, a alma foi criada por Deus com a função de vivificar o corpo físico e nenhum outro humano pode tirar a vida de seu semelhante; somente Deus pode tirar a vida do seu semelhante, no caso, o ser humano criado à sua semelhança.

3. O ABORTO É ATENTADO A DEUS EM DESFAVOR DA VIDA

O que é o aborto? Para muitos, trata-se de uma solução imediata. Um paliativo para resolver uma situação escandalosa ou que poderia gerar um desconforto familiar. Para outros, uma maneira de fugir da vergonha do abuso, da infâmia do estupro, da insolência da decepção. Logo, se “tanto a soberania divina quanto a dignidade humana estão sendo desafiadas pelos debates sobre aborto e eutanásia, nenhum cristão consciente pode excluir-se deles”.²⁹

²⁵ BAVINCK, 2012, p. 539.

²⁶ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. Tradução de Robson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla T. Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 510.

²⁷ DE WALL, 2007, p. 23.

²⁸ DESCARTES, 1987, p. 78.

²⁹ STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã**: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 462.

De acordo com o protocolo de atenção à saúde da mulher em situação de abortamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o aborto ou abortamento é “é a interrupção da gestação antes do início do período perinatal, definido pela OMS (CIE 10) a partir de 22 semanas completas de gestação, quando o peso ao nascer é normalmente de 500 g.”.³⁰ Neste período, e de acordo com os protocolos criados para legitimar o ato, a criança é arrancada do útero com a utilização de métodos que põem fim a vida humana. O aborto tornou-se lugar comum na sociedade devido ao pragmatismo atual que abre espaço para a desconstrução das verdades cristãs. Logo, o pragmatismo feminista a favor do aborto nada mais é que a velha tentativa de reinterpretar, ou de atualizar verdades e valores morais, como bandeira levantada em todo o país. Para as feministas:

O aborto é questão de direito individual e remete a um dos fundamentos do feminismo contemporâneo: o princípio democrático liberal do direito aplicado ao corpo; direito baseado nas ideias de autonomia e liberdade do liberalismo, expresso na máxima feminista “nosso corpo nos pertence”, que se difundiu internacionalmente a partir dos países centrais e marcou as lutas feministas relacionadas à sexualidade, à contracepção e ao aborto.³¹

Jovens meninas e adolescentes são ensinadas que o abortamento não é pecado, mas uma questão de saúde pública. Mas a pergunta que deve ser dirigida aos cristãos é: se o ser humano tem uma formação biológica, mas também espiritual; se ele é corpo, mas também alma, o que acontece com a parte imaterial de um bebê abortado? O que faz uma pessoa defender o aborto? De acordo com o Geisler, mesmo que haja muitos argumentos a favor do aborto, este é um ato errado, uma vez que vai contradizer o valor divino por cada ser humano individualmente:

Há pelo menos três premissas de argumentos da qualidade da vida que devem ser examinadas. Primeiro, reconhecendo que a Bíblia aceita um princípio da qualidade da vida, é a qualidade da raça que deve tomar precedência sobre o indivíduo, ou o valor do indivíduo é mais importante que a raça? A resposta parece evidente: Deus valoriza os indivíduos. O indivíduo foi criado à sua imagem e semelhança. É errado matar o indivíduo porque ele é criado à imagem de Deus.³²

A diferença básica entre dicotomia e tricotomia está no fato de que a primeira torna alma e espírito sinônimos, enquanto a segunda distingue um do outro. Sobre esta divisão, a nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém explica que “esta divisão tripartida do homem (espírito, alma e corpo) só aparece aqui (1Ts 5.23), nas cartas de Paulo” e que o apóstolo “não tem antropologia sistemática e perfeitamente coerente”.³³ Uma vez posto estas possibilidades acerca da natureza do ser humano, a seguir será destacado de que forma é possível pensar a fé nas comunidades cristãs em termos antropológicos e se um feto é um ser integral e imortal,

³⁰ ABORTAMENTO. In: Abortamento. Disponível em <http://www.me.ufrj.br/images/pdfs/protocolos/obstetricia/abortamento.pdf>. Acesso em 17 out. 2023.

³¹ SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 16, n. 2, p. 675-680, 2008, p. 677.

³² GEISLER, Norman L. **Ética cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 58.

³³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2013, p. 2064-2065.

o aborto deve ser criminalizado e a vida deve ser preservada, do ponto de vista da teologia e da filosofia cristã.

O aborto é um atentado a Deus pelo fato de que o embrião é um ser integral e imortal. As Escrituras apresentam o ser humano como ser único – integral – principalmente nos textos do Antigo Testamento. Tanto o dualismo como a concepção tridimensional do ser humano, não apenas são complexos, mas “é estranho à teologia hebraica que vê o homem de uma forma única, mas é verdade que o homem só pode ser apresentado unitariamente, independente de sua natureza constitucional”³⁴. Sendo assim, pensar o ser humano como unidade condicional é uma possível solução em favor da vida do feto. Reforçando esta abordagem, Erickson apresenta a possibilidade do ser humano como uma unidade condicional:

Toda a gama de dados Bíblicos pode ser mais bem explicada pela visão que denominaremos “unidade condicional”. Segundo esse conceito, o estado normal do ser humano é um ser unitário com corpo, e é assim que as Escrituras o consideram e o tratam. Os seres humanos não precisam fugir ou escapar do corpo, como se ele fosse essencialmente mau.³⁵

Pensar o ser humano como ser completo e capaz de reflexão e ações corpóreas é o que se aproxima mais de uma realidade empírica. A mente (alma) pensa e o corpo responde a seus estímulos, para falar, andar, etc. Assim, o corpo humano reproduz também o resultado daquilo que é essência – o ser humano completo, porém condicionado às funções da alma e do corpo, que são inseparáveis. Esta forma de pensar é próxima do monismo, porém condiciona ao corpo a necessidade de ter uma parte imaterial que o dirige. Com a ressurreição do corpo, “haverá retorno a uma condição corpórea”³⁶, logo:

As questões acerca do aborto e eutanásia dizem respeito à nossa doutrina de humanidade e à nossa doutrina de Deus. Por mais subdesenvolvido que o embrião ainda possa ser, e por mais mentalmente debilitada que uma pessoa idosa possa ser, todos concordam que eles estão vivendo e que essas vidas são humanas.³⁷

O embrião já na vida intrauterina é um ser completo, possuindo essencialmente elementos que se completam e possuem funções, sendo que sem estas partes o ser humano morre. Imagine um homem sem o coração, ou o cérebro. Isso se pode pensar acerca da alma. E quais são as funções da alma? De acordo com Descartes, o pensar. Para o filósofo, “todas as funções pertencem somente ao corpo, e é fácil reconhecer que nada resta em nós que devemos atribuir à nossa alma”.³⁸ Ressalta-se que a teologia cristã protestante, em sua maioria, precisa espiritualizar a função da alma, ou seja, a alma humana só tem valor e utilidade num relacionamento com o divino, de outra forma está condenada ao inferno: lugar

³⁴ REDUA, Ashbell. Orígenes: esperança escatológica ontem e hoje. **Revista Reflexus**, Vitória/ES, 2021, vol. 15, n. 1, p. 183-206. Disponível em: [//revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/785/2268](http://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/785/2268). Acesso em 29 set. 2023, p. 196.

³⁵ ERICKSON, 2015, p. 521.

³⁶ ERICKSON, 2015, p. 521.

³⁷ STOTT, 2019, p. 462.

³⁸ DESCARTES, 1987, p. 84.

das almas inúteis; porém, se o feto é uma unidade condicional e o Código Civil Brasileiro apresenta bases para que o nascituro seja considerado pessoa desde sua concepção. Então, precisamos tratar cada ser humano como unidade, como explica Erickson:

Os seres humanos devem ser tratados como unidades. Sua condição espiritual não pode ser vista de forma independente da condição física e psicológica, e vice-versa. A medicina psicossomática é adequada. O ministério psicossomático também é apropriado. O cristão que deseja ser espiritualmente saudável dará atenção a questões como nutrição, descanso e exercícios.³⁹

Essa forma de refletir sobre a natureza do ser humano aponta para a importância integral de cada indivíduo e da raça. Sendo o feto um ser humano, ainda que em formação, ele é naturalmente único, integral em essência, como observa Ladd: “a pesquisa moderna tem reconhecido que termos como corpo, alma, e espírito não são separáveis ou diferentes do homem, mas diferentes modos de considerar o homem todo”.⁴⁰ Logo, sua formação depende da providência de Deus em oferecer ao organismo do feto tudo que ele precisa – inclusive o corpo da mãe, para que cresça e se desenvolva.

Hoekema defende a abordagem de que o ser humano é uma totalidade, afirmando que:

[...] A Bíblia descreve a pessoa humana como uma totalidade, um todo, um ser unitário. O melhor modo de determinar a concepção bíblica do homem como uma pessoa integral é examinar os termos usados para descrever os aspectos do homem. Antes de fazermos isso, contudo, cabem duas observações: (1) como foi dito, a preocupação primária da Bíblia não é a constituição psicológica ou antropológica do homem, mas a sua inescapável relação com Deus; e (2) devemos ter sempre em mente o que J. A. T. Robinson diz a respeito do uso desses termos no Antigo Testamento: “Qualquer parte, em qualquer momento, pode significar o todo”.⁴¹

Se for aceito que a pessoa humana é um ser integral – uma totalidade – nem a mãe, nem o médico, nem a família, e, muito menos a sociedade tem poder de decidir sobre a vida do feto. Seu desenvolvimento e sua existência se dão como uma rede dependente das várias partes do todo: cérebro, coração e todas as demais partes do corpo, suas emoções e de uma forma mais ampla, sua inter-relação constitutiva como ser humano, inclusive espiritual como fenômeno religioso. Nas palavras de Bultmann “segundo a concepção cristã, como fenômeno religioso supremo” e, além disso, “a religião como fenômeno do espírito humano”.⁴² Numa abordagem mais conservadora, este fenômeno está explícito no discurso soteriológico, do salvamento do homem como um todo, integralmente, destacando que “os diferentes aspectos da natureza humana devem ser, todos, contemplados e respeitados. Não deve haver

³⁹ ERICKSON, 2015, p. 523.

⁴⁰ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 458.

⁴¹ HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 232.

⁴² BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender: ensaios selecionados**. Tradução de Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 218.

uma desvalorização do corpo, das emoções ou do intelecto. O evangelho faz um apelo à pessoa como um todo”.⁴³

Nessa perspectiva, e de acordo com essa linha argumentativa, conclui-se que o ser humano pode ser pensado como uma unidade condicionada por vários aspectos de sua natureza: a humana. A ideia – além de demandar coragem diante de uma vida indefesa – não é a melhor opção; Deus sempre apresentará em sua palavra a defesa da vida humana, de forma que o aborto, é colocar a criatura em par de igualdade ou, até mesmo, acima de seu criador, podendo decidir se uma vida deve prosseguir seu curso natural. Stott defende prerrogativa divina nesta decisão:

Os debates sobre aborto e eutanásia são complexos. Incluem aspectos médicos, legais, teológicos, éticos, sociais e pessoais. São temas bastante emocionais, pois tocam nos mistérios da sexualidade e da reprodução humana, da vida e da morte. Ambos costumam envolver dilemas intensamente dolorosos. Mas os cristãos não podem esquivar-se da tomada de decisões pessoais ou da discussão política sobre temas simplesmente por causa de sua complexidade. O que está em jogo nos debates sobre aborto e eutanásia é nada menos do que a nossa doutrina cristã sobre Deus e a humanidade. Todos os cristãos acreditam que o Deus Todo-Poderoso é o único que dá, sustenta e tira a vida. [...] tirar uma vida humana é prerrogativa divina.⁴⁴

Não é a natureza que decide sobre a vida, mas o Deus criador. Logo, a utilização dos conhecimentos científicos e pragmáticos para defesa da vida da mãe em detrimento da vida do bebê é uma tentativa de usurpar o lugar de Deus em matéria de criação e sustento. Vozes feministas e setores políticos que delas se aproveitam “não querem que as mulheres com ‘gravidez problemática’ [...] saibam que o feto delas é um bebê, que há perigos no aborto, ou que há alternativas”.⁴⁵

Deus, em sua divina providência, dirige a natureza, de forma que a vida humana não pode – dentro da perspectiva de uma cosmovisão bíblica – estar condicionada ao acaso, onde a vida de um bebê fica refém da escolha humana. Como ironizou Frame: “imagine uma conversa casual sobre a escolha de uma mulher de assassinar seu próprio filho, como se fosse uma escolha entre dois tons de batom”.⁴⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica compreensível que a teologia protestante tenha como missão o enfrentamento da lógica objetividade-relativismo-verdade que marca este tempo. Nele, o movimento feminista se opõe ao discurso da igreja atual, pois seu discurso é pragmático no sentido clássico do termo. Isto significa que, para os pragmáticos em defesa do aborto o desejo sobrepõe às regras morais e a mera opinião acerca do corpo feminino é mais ‘conceitualmente aceito’ do

⁴³ ERICKSON, 2015, p. 523.

⁴⁴ STOTT, 2019, p. 461.

⁴⁵ FRAME, John. **A doutrina da vida cristã**. Tradução de Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 695.

⁴⁶ FRAME, 2019, p. 694.

que as verdades bíblicas: não importam as consequências biológicas ou espirituais, será garantido à mulher o direito decidir sobre o seu próprio corpo: essa é premissa do pragmatismo abortista.

O mundo protestante ocidental tomou emprestado o dualismo corpo-alma da cultura grega e do judaísmo a fim de sistematizar seus dogmas, como foi observado neste artigo. O grande problema do dualismo está no fato de que os dualistas dividem o mundo em dois compartimentos, mas na cosmovisão cristã o ser humano todo se relaciona com o Criador, de forma que é pressuposto cristão que “os seres humanos são seres divinos, feitos pela vontade de Deus, à sua imagem”.⁴⁷

Logo, a solução para o enfrentamento do aborto é a reflexão acerca do ser humano integral, unitário. Se o feto é um ser unitário, é um ser dependente da mulher, na sua formação providente e milagrosa; mas é independente em sua essência e indefeso por naturalidade. As Escrituras mostram que o corpo físico depende do Espírito, e que de acordo com o dogma da ressurreição o contrário também é verdadeiro, uma vez que o corpo físico está contemplado no plano de Redenção (1Co 15.35-38; Hb 6.1,2). A alienação de si priva o ser humano de sua liberdade essencial, uma vez que enxerga o corpo como vil e nocivo ao seu sucesso espiritual, gerando desprezo ao corpo fetal. Sartre afirma que “o homem está condenado a ser livre”,⁴⁸ mas sua liberdade é limitada por sua finitude, intrínseca ao ser. Por isso o Novo Testamento traz o tema da ressurreição do corpo como um dogma tão caro para a teologia protestante. Neste caso, defender um modelo alternativo, como “a unidade condicional”⁴⁹ defendida por Erickson seja um caminho mais equilibrado e menos perigoso que as igrejas cristãs em sua defesa pela vida humana. Tema este que poderá ser objeto de pesquisas futuras, tanto no campo teológico como nas ciências da religião.

Ficou evidente, que a defesa do aborto é nociva ao cristianismo por colocar em oposição, e com muito rigor: bem e mal, amor e desamor, Deus e o ser humano, o corpo e a alma e principalmente, a morte contra a vida, como foi aqui observado. Mas o ser humano é resultado da ação criadora e trinitária que o forma, constitui, gera e preserva providentemente naquilo que ele realmente é, de acordo com a soberana vontade de Deus.

REFERÊNCIAS

BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Vol. 2.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

BÍBLIA KING JAMES 1611: com estudos Holman. Niterói: BV Books, 2018.

BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender**: ensaios selecionados. Tradução de Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

⁴⁷ STOTT, 2019, p. 233.

⁴⁸ ZILLES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. São Paulo: Paulus, 2016, p. 56.

⁴⁹ ERICKSON, 2015, p. 520-523.

DE WALL, Cornelis. **Sobre pragmatismo**. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007.

DESCARTES, René. **Descartes: discurso do método, as paixões da alma**. 4.ed. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da cultura ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. Tradução de Robson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla T. Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FRAME, John. **A doutrina da vida cristã**. Tradução de Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

PIERCE, Charles S. **The essential Pierce**. Bloomington: Indiana University, 1998.

PIPER, John. **Providência**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2020.

PLATÃO. **Diálogos: o Banquete, Fédon, Sofista, Político**. 4.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

REDUA, Ashbell. Orígenes: esperança escatológica ontem e hoje. **Revista Reflexus**, Vitória/ES, 2021, vol. 15, n. 1, p. 183-206. Disponível em: [//revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/785/2268](http://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/785/2268). Acesso em 29 set. 2023.

RUSHDOONY, Rousas J. **Rejeição à humanidade: os efeitos do neoplatonismo no cristianismo**. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 2.ed. Tradução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, 1986.

SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, vol. 16, n. 2, p. 675-680, 2008.

STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos**. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

STOTT, John. **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo**. 2.ed. Tradução de Silêda Silva Steuernagel. São Paulo: ABU, 2005.

TILICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 4.ed. Tradução de Jaci Marashin. São Paulo: ASTE, 2007.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5.ed. Tradução de Getúlio Baertelli e Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ZILLES, Urbano. **O Deus dos filósofos**. São Paulo: Paulus, 2023.

ZILLES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. São Paulo: Paulus, 2016.